André Pomponet

# A (r)evolução tecnológica e o ocaso das redações

**André Pomponet** - 21 de junho de 2020 | 19h 55

Mês que vem completo 25 anos no jornalismo. Faz tempo: cheguei à redação do extinto Feira Hoje em busca de uma oportunidade como revisor. Tornei-me repórter. O jornal integrava o Sistema Nordeste de Comunicação, uma cadeia de jornais e emissoras de rádio e tevê. Naquela época, o Feira Hoje funcionava ali no Mar da Tranquilidade, junto com a Subaé AM e a Nordeste FM. Era diverso e muito rico aquele ambiente, que fervilhava com os grandes acontecimentos da Feira de Santana. Convivi com grandes profissionais naquela redação. Creio que ninguém pensava – e eu também não – que tudo fosse mudar tanto no intervalo de uma geração.

À época, os jornais modernizavam seu design, incorporavam tecnologia, tornavam-se mais atraentes para seus leitores. Era intenso, portanto, o esforço dos impressos para se tornar cada vez palatáveis. Note-se que buscavam modernizar-se, mas seguiam herdeiros da tradição centenária do jornalismo impresso. Nos anos seguintes, tudo aquilo ia começar a mudar. O acesso limitado da população aos computadores e à internet, no começo, retardou essas mudanças avassaladoras.

No início dos anos 2000 o boletim da Assessoria de Comunicação da Câmara Municipal – onde trabalhei – ainda era impresso e distribuído pelos gabinetes dos vereadores. Lá, porém, já surgia um embrião da transformação: praticamente todos os veículos de comunicação já dispunham de correio eletrônico (o e-mail) e era por ele que mandávamos os boletins. O tempo do papel impresso distribuído nos rádios, jornais e tevê tinha acabado. A partir dali começaram a pipocar os sites noticiosos.
Junto com eles, uma mudança radical no mercado de trabalho: quem antes pelejava como empregado, com carteira assinada, tornava-se empreendedor da comunicação, corria atrás dos seus próprios clientes, às vezes desdobrando-se na comunicação e no comercial. Imagino que a jornada de trabalho se ampliou e, em muitos casos, o rendimento minguou.

Essas mudanças alvejaram em cheio o jornal impresso. Mídia mais cara – e mais vinculada àqueles que tem melhor padrão educacional –, retardatária em tempos de vertiginosa circulação de informações, esses veículos até seguiram sobrevivendo, ancorando-se na credibilidade e na qualidade de suas notícias. Só que isso custa caro e, ao longo dos anos, foi entusiasmando cada vez menos os anunciantes.

Obviamente, o fenômeno não é feirense e se espraia mundo afora, mas com repercussão bem sensível por aqui. Sou do tempo em que,aos domingos, os jornais impunham-se pelo conteúdo impressionante: mais de uma centena de páginas entusiasmava o leitor que, em casa ou nas bancas, convencia-se de que atravessaria o domingo imerso na leitura.

## CHARGE DA SEMANA

## COLUNISTAS

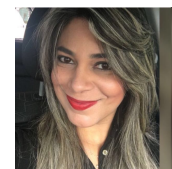
César Oliveira

A saída de Valdomiro S Secretaria de Comunic

O novo HGCA e o esforç Neto

André Pomponet

O legado dos escritores

E as propostas para Fei candidatos?

Emanuela Sampaio

Otorrino Washington A aniversaria nesta quart

Feirense Thales Azeved posse como Procurador

César Oliveira- Crô

Desistências

Setembro não é longe

## AS MAIS LIDAS HOJE

1

2

3

4

5

Aquele impresso conectava-o às cercanias de suas cidades e, também, aos grandes acontecimentos mundiais. Quem produzia tanta informação? Fervilhantes redações – as dos principais jornais abrigavam centenas de jornalistas – que integravam e completavam a formação de muitos neófitos. Cheguei quando a tecnologia já enxugava redações, desempregando muitos jornalistas. Mesmo assim, considero a redação do Feira Hoje uma das maiores escolas – formais e informais – que tive a oportunidade de conhecer. Naquele começo de era pós-analógica as interações eram muito ricas e a convivência, mais fraterna. Muitas vezes, o expediente era espichado com farras inesquecíveis. Nelas, eu seguia aprendendo. Aquela lógica de redação acabou sepultada pela tecnologia. A convivência e o aprendizado orbitam hoje sob uma nova dinâmica. Atualmente, em muitos casos, a velocidade se sobrepõe à qualidade. E também à profundidade: o empacotamento de notas curtas, muitas vezes confusas, emburrece quem escreve e quem lê. Há notícias e há notícias: muitas exigem investigação, profundidade e, obviamente, textos mais longos. Reduzir a realidade a notas telegráficas e renunciar ao conteúdo é abraçar a forma burra.

Produtos do gênero dispensam as redações e qualquer sofisticação intelectual: basta um aparelho qualquer conectado à internet e uma nota curta digitada até num teclado de celular. Sempre cultivei a convicção de que a redação é o habitat do jornalista. Assim como o atelier o é para o artista ou a oficina o é para o artesão. É claro que a atuação atomizada e digital traz aprendizado, conhecimento. Mas as redações –passei por outras desde o Feira Hoje também – trazem o traquejo, a vivência mais intensa, a formação num sentido muito mais amplo.

É uma espécie de iniciação. A morte das redações, porém, parece irrevogável. É que as mudanças tecnológicas produziram um modelo novo de empresas de comunicação. Proliferam as micro e pequenas organizações, sem grande fôlego financeiro, com atuação atomizada e, em alguns casos, muito segmentada. Há, claro, as grandes corporações que sobreviveram como exceção. Mas, mesmo nessas, a tecnologia reconfigurou as redações.

Não resvalo, porém, para uma velhice caturra, refém do passado saudoso. Vejo que a era digital também trouxe mais facilidades e, até mesmo, mais democracia à comunicação. Há infinitas alternativas, possibilidades. Isso, porém, é objeto para um outro artigo...

LEIA TAMBÉM André Pomponet

O legado dos escritores-jornalistas | E as propostas para Feira, candidatos? | Pachamama

INÍCIO O TRIBUNA ANUNCIE AQUI EDIÇÃO IMPRESSA VOCÊ NO TRIBUNA FALE CONOSCO

redacao@tribunafeirense.com.br

75 99151-1623
Av senhor dos passos, 407 - Sala 5, centro, Feira de Santana-BA

/Jornal Tribuna Feirense
@tribunafeirense